



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Volta ao mundo combatendo o crime

O britânico Richard Osman, escritor, comediante, produtor e apresentador de televisão, lançou seis livros nos últimos seis anos e seus best-sellers internacionais *O clube das quintas-feiras*, *O homem que morreu duas vezes*, *A bala que errou o alvo* e *O último demônio a morrer*, com mais de 17 milhões de exemplares vendidos pelo mundo, são o maior fenômeno literário do Reino Unido desde *Harry Potter*.

O nosso negócio é crime (Editora Intrínseca, 336 p., R\$ 79,90), o primeiro volume da nova série de mistério de Osman é mais um grande sucesso do autor que a Intrínseca lança no Brasil, com tradução de Jaime Biaggio. Com a consagrada narrativa empolgante e repleta de reviravoltas, o volume recebeu excelentes críticas da imprensa britânica e traz uma insólita e improvável dupla de detetives. Steve Wheeler, policial por 25 anos, aposentado

no pacato vilarejo de Axley, se distrai com pequenas investigações mas no fundo quer mesmo é curtir a rotina num *pub* ou no banco preferido ao lado do lago, e depois encontrar seu gatinho que o espera em casa.

Amy Wheeler, nora de Steve, é segurança particular e acha que adrenalina faz bem para a alma. Ao contrário do sogro que não quer mais aventuras, Amy não finca raízes por muito tempo em lugar algum e aí não cria hábitos e rotinas. Ela estava numa ilha particular fazendo a segurança de uma autora de suspenses mundialmente famosos. O trabalho parecia tranquilo até Amy encontrar um cadáver com uma bolsa cheia de dinheiro e um assassino persistente.

Amy convoca o sogro, que no início relutou em deixar a vida mansa e os dois acabam embarcando numa verdadeira volta ao mundo para combater o crime; uma verdadeira confusão



de proporções mundiais. Será que a dupla corajosa e icônica vai conseguir ser mais esperta do que o inimigo mortal? Amy está louca por descobrir. Steve, nem tanto. Osman adora histórias e pessoas e se diverte mostrando como elas ao mesmo tempo são excêntricas, esquisitas e humanas.

e palavras...

GUIA DO ELEITOR 2026

Então outrora esperançosos amigos do Patropi, vamos para mais uma eleição majoritária, sem voto impresso. Butão e Brasil são os únicos países que não imprimem. Bangladesh era o terceiro, mas em 2025 a Comissão Eleitoral de lá avançou e decidiu abandonar o uso exclusivo das urnas eletrônicas. Será que o Butão também vai adotar o sistema antes da gente? A ver.

Nas últimas décadas, aproximadamente, um terço do eleitorado votou na chamada “esquerda”; outro terço votou no que dizem ser a “direita” e um terço ficou em casa, se absteve ou foi até a urna para anular o voto ou votar em branco. Não me pergunte onde fica a esquerda ou a direita, que a sinalização está meio apagada e se quiserem saber sigam o rumo das suas mentes e corações.

Não me pergunte onde estão o centro, o centrão, a centro-direita, a centro-esquerda, os liberais de esquerda e de direita e os radicais de centro. Tente descobrir por ti mesmo, mas cuidado com certas mídias, certos historiadores contadores de narrativas históricas e certos “produtores de conteúdo” e *influencers* que andam por aí fabricando velhas e novas ‘novidades’ e falsidades. Todo cuidado é pouco. Em caso de dúvida consulte seus vovôs, por via mediúnica se for preciso.

Para variar, estamos polarizados - barbaridade. Dizem que terceira via não vai rolar, mas neste País até o passado e o presente são incertos - e aí não se sabe se nesses poucos meses antes das eleições não surgirá um fenomenal e meteórico salvador da pátria, um

outsider ou *insider* que provocará uma surpreendente e previsível reviravolta no cenário eleitoral. Tudo é possível. É preciso viver um escândalo e um factóide (opa, agora é *fake news*) a cada dia. O escândalo do meio-dia embrulhamos com o escândalo da uma da tarde. É preciso datar as fotos, as opiniões e os *posts*, ter paciência e deixar que o tempo faça a parte dele. O tempo se vinga das coisas que são feitas sem sua imprescindível contribuição.

Pois é, está tudo como dantes no quartel d’Abrantes, mais ou menos um terço não quer Lula nem Bolsonaro e gostaria de outra alternativa. Pode ser que a coisa mude, política muda como nuvem, como disse o Magalhães Pinto, o careca do banco e da política.

Enquanto isso a batalha política parece briga de bugio, com ataques pessoais e poucos planos para o Brasil. Até não deveria dizer isso para não ofender os simpáticos macaquinhos, que muitas vezes só dão uns pulos e gritos e não chegam a atirar fezes nos adversários. O País teve 42.590 homicídios em 2025. Em 2017, a coisa estava pior, foram 65.600. “Melhoramos”.

O governo federal fechou 2025 com déficit primário de R\$ 61,7 bilhões. Com juros da dívida, o déficit nominal foi de R\$ 1,06 trilhão em 2025. Temos 76,6 milhões de endividados, enquanto 18,9 milhões de famílias recebem Bolsa Família.

Problemas com educação, segurança, habitação e saúde seguem; 7,9 milhões de brasileiros entre 14 a 29 anos não concluíram o Ensino Médio ou nunca frequentaram a escola.

lançamentos



► **Cavalo Selvagem** (Estação Liberdade, 400 p., R\$ 97,00) romance do grande escritor japonês Yukio Mishima (1925-1970) é o segundo volume da tetralogia *Mar da fertilidade* e se passa após o incidente de maio de 1932, a tentativa de golpe de estado. Com elementos culturais, a narrativa traz o jovem Isao, filho de Kiyooki Matsugae, protagonista do primeiro volume e fala de jovialidade, tradição, maturidade e “progresso”, num Japão que começava a ocidentalizar-se.



► **Só fumo quando bebo** (Planeta, 160 p.) do premiado escritor e médico Marcelo Henrique Silva, vencedor do Prêmio Jabuti Escritor Estreante em 2025, traz dez contos com a tensão e o erotismo constante entre o que se vive e o que se pode dizer. Corpos, desejos, velhice, doenças, personagens sem medo de descobertas e do olhar do outro, sem medo de vida e morte estão nas intensas histórias.



► **O Retrato do Senhor Reitor** (Bestiário, 72 p.) de Alexandre Beluco, engenheiro, professor universitário, Doutor em Engenharia e escritor. Romance em tom de comédia, fala de relações de poder, vaidade, rituais e memória. Um clube centenário, um retrato como atestado de poder, uma mãe irredutível e um carro que quebrou na hora certa. Isto e muito mais estão na obra que mostra a lógica de poder existente em muitos locais.

a propósito

Não se desespere, eleitor. Não agora. Temos uns meses pela frente antes de você cumprir ou não seu dever/direito cívico. Vamos conferir o que vem por aí. Dados, informações progressas, “escandalômetros”, promessas e planos de candidatos. Pensando bem, o eleitor sabe que independentemente de quem ganhar vem aí mais impostos. Pagar imposto e morrer, as duas certezas da vida. Entre cortar despesas e aumentar impostos, você sabe o que eles fa-

zem. Vá conferindo, eleitor, que precisamos de País democrático, plural, transparente, desenvolvido, saudável e bem-educado. Tomara que o Ciro Gomes esteja errado; ele disse que não tem mais jeito, mas que quer ser governador para ajudar o Ceará e ir a Brasília conversar com o futuro presidente. Vamos lá, é proibido gastar e não podemos nos dispersar, disse o Tancredo pouco antes de se livrar do pepinão. Vote bem, urna não é penico. (Jaime Cimenti).